



## **Temáticas e abordagens nos curtas-metragens estudantis: uma análise da oficina de produção de vídeo<sup>1</sup>**

Kelly Demo CHRIST<sup>2</sup>

Josias PEREIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

### **RESUMO**

O projeto “oficina de produção de vídeo”, realizado de 2012 a 2014 nas cidades de Pelotas e Rio Grande, colaborou com a produção de 59 curtas-metragens realizados por 26 escolas. Bem como qualquer projeto que integra o ambiente escolar com as novas tecnologias, enfrentaram-se diversas dificuldades, a par que se mostra cada vez mais essencial que a escola se abra para as tecnologias, e faça novas investidas ao permitir aos estudantes a possibilidade de expressarem seus pensamentos e anseios. Este estudo pretende analisar as obras audiovisuais produzidas pelos alunos, e averiguar quais são as temáticas e as abordagens presentes, qual o assunto mais recorrente, porque alguns tópicos são mais interessantes do que outros, e qual são as influências tidas no desenvolvimento destas obras audiovisuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** curta-metragem; escola; educação.

O diretor do Instituto Latino-americano de Pedagogia da Comunicação<sup>4</sup>, prof. Dr. Francisco Gutiérrez (1995), afirma que em muitos aspectos a escola e a televisão parecem mundos opostos para os alunos. O autor, especialista em pedagogia da comunicação e mediação pedagógica, observa que os estudantes reconhecem na ficção uma resposta para seus conflitos e inseguranças, criando a percepção de que a escola tradicional não possui vínculo com a realidade, que estaria fechada em si mesma em conteúdos que pouco se conectam com a vida. Sem ter suas experiências pessoais tomadas como um fator importante no aprendizado, o que temos no cenário educacional é uma situação de desinteresse e desestímulo dos discentes, que incorporam a tecnologia como parte de sua vivência.

A televisão está totalmente dentro da vida dos jovens. A escola apresenta uma estrutura artificial. (...) Através de uma atitude investigativa dos professores, temos que buscar as temáticas dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual, do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPEL, email: [kelly.christ@yahoo.com.br](mailto:kelly.christ@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Adjunto do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPEL. E-mail: [erdfilmes@gmail.com](mailto:erdfilmes@gmail.com).

<sup>4</sup> ILPEC, em Heredia, Costa Rica



alunos, da telenovela (por exemplo) e da escola, para entender como eles veem a telenovela. Há temáticas importantes que saem da telenovela, e os obstáculos para discuti-las não são os alunos, mas os professores da escola. (GUTIÉRREZ, 1995, p. 314)

Gutiérrez (1995) afirma que o jovem sente-se compelido a reprimir e se distanciar de sua relação com a tecnologia em função da escola tradicional. O autor acredita que isto pode ser apontado como uma das motivações do desinteresse dos alunos e sua resistência ao aprendizado. Para reverter este quadro, aos poucos algumas iniciativas são criadas para incorporar as tecnologias à escola, por exemplo, a recente alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), onde a lei 13.006 torna obrigatória nas escolas de educação básica a exibição de produção nacional por no mínimo duas horas mensais. Além da exibição de material audiovisual pronto, existe ainda uma gama de possibilidades de construir juntamente com os alunos uma relação entre o aprendizado e a tecnologia, e é a partir da experiência com cinema que construiremos este estudo.

A autora do presente artigo teve a oportunidade de colaborar, participando como bolsista da Universidade Federal de Pelotas, nas produções estudantis em escolas municipais em Pelotas e Rio Grande, durante o projeto de extensão “Oficina de Vídeo nas Escolas”. É a partir desta experiência que se fará um estudo a respeito das temáticas e as abordagens que foram dadas aos 59 curtas-metragens realizados em três anos de projeto. Inicialmente pretende-se retomar a memória do processo das oficinas, para que conste neste relato a sua trajetória, dando-nos uma perspectiva de seu todo, bem como as dificuldades que se enfrenta ao realizar vídeo na escola, não só neste caso específico que estamos tratando como de maneira geral em projetos análogos. Como aqui o cinema é utilizado como um aparato conciliador entre o que é de interesse dos alunos e o processo de aprendizagem se deve avaliar como este processo foi executado, seus conflitos, seus resultados, e discutir seu produto final, as produções estudantis.

Na maioria dos casos trabalhados, foi dado aos alunos o crédito pela realização dos roteiros, a idealização da história, escolha do gênero, a temática e a abordagem. Naturalmente não se ignora uma série de fatos que podem vir a influenciar cada uma dessas etapas, como a preocupação em estarem trabalhando o vídeo dentro da escola, as limitações de uma produção estudantil sem recurso financeiro, e o alcance dos professores. Apesar disto, este estudo compreende nos curtas-metragens um reflexo dos alunos, o seu interesse em representar, sua maneira de ver a realidade, seu ponto de vista



sobre o mundo, sua experiência de vida e sua própria história. Desta forma o presente artigo pretende investigar quais são os elementos tratados pelos estudantes nos curtas, e como eles são abordados.

Em 2011 a professora Giovana Janhke da Secretaria Municipal de Educação e Desporto, então professora de português na E.M.E.F. Independência, solicitou a contribuição do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas para realizar um projeto de vídeo em sua escola com alunos da oitava série. O projeto foi apresentado no colegiado e o Prof. Dr. Josias Pereira, que já realizara trabalho de vídeo em escolas do Rio de Janeiro e Paraná, decidiu contribuir. Entre abril e novembro daquele ano, 30 alunos da escola e alguns alunos voluntários dos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema e Animação da UFPEL colaboraram na produção de quatro curtas-metragens: “Regina Quer Casar”, “Velho Craque”, “Debutantes” e “O Dilema” (PEREIRA; JANHKE, 2012).

A partir disso o Prof. Dr. Josias Pereira, colaborador e idealizador desta primeira experiência em conjunto com a professora Giovan Janhke, criaram o projeto de extensão “Oficina de Vídeo nas Escolas”, parceria entre UFPEL, Prefeitura Municipal e Secretaria de Educação e Desporto, contribuindo entre 2012 e 2014 com 26 escolas municipais na realização de 59 curtas-metragens. Desde 2012 qualquer escola municipal de Pelotas tem possibilidade de participar, sendo requerido apenas a professor, no mínimo, fique como orientador responsável pela turma. Em 2014 o Núcleo de Tecnologia Municipal (NTM) da secretaria Municipal de Educação do Rio Grande também se fez parte do projeto. Só em Rio Grande participaram oito escolas, produzindo um curta cada. Em função da cidade de Rio Grande situar-se a 60 km de Pelotas e o deslocamento nem sempre ser viável, o projeto teve de se adaptar e utilizar métodos de ensino a distância, fazendo vídeo aulas, *vlogs*, e disponibilizando apostilas e livros *online*.

Após a finalização dos filmes deu-se aos colégios interessados em fazer uma mostra uma cópia de DVD, um catálogo com título, classificação etária, sinopse, e uma urna para as escolas realizarem uma votação. Deu-se um prazo para os estudantes assistirem e votar no melhor de cada categoria, de forma que os prêmios distribuídos foram eleitos com júri popular dos próprios estudantes, um diferencial em de Pelotas e Rio Grande em relação a projetos análogos realizados em outras localizações no Brasil. Em 2012 e 2013, cerca de 40 escolas fizeram a exibição dos vídeos para seus alunos, onde se deveria votar nas categorias: melhor filme, melhor roteiro, melhor direção,



melhor ator e atriz, melhor ator e atriz coadjuvantes, melhor produção, melhor direção de arte e melhor trilha sonora. Assim nos dois primeiros anos foi realizado o I e II Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas, onde se entregou premiação para os três mais votados de cada categoria, portanto distribuindo 30 prêmios para as escolas participantes conforme classificação da votação.

Em 2014, o projeto piloto em Rio Grande teve a votação dos primeiros lugares de cada categoria feita por 15 escolas da cidade. Em Pelotas, em função do reduzido número de curtas inscritos, foi selecionada uma comissão de atuantes nos campos de cinema, comunicação e artes para avaliar as áreas de direção, ator e atriz, ator e atriz coadjuvante, roteiro, trilha sonora e produção. Experimentou-se realizar a estreia dos curtas na própria data do festival, onde o prêmio de júri popular determinou quem recebeu o prêmio de melhor filme. Também foi entregue nesta ocasião os prêmios de primeiro e segundo lugar para os melhores de cada uma das categorias votadas pela comissão, além do “prêmio ética”, fornecido pela Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), premiando também duas escolas participantes com câmeras digitais.

A proposta em fazer um festival de vídeo com os trabalhos realizados pelas escolas do município não está atrelada necessariamente ao elemento da competição, uma vez que com a parceria com os cursos de Cinema da UFPEL torna democrático o acesso a equipamentos e a utilização dos laboratórios de edição. O apoio de bolsistas e colaboradores serve como monitoria e estímulo para que os alunos possam realizar o curta que desejam, porém é em virtude da dedicação dos professores que se envolvem com o projeto, assumindo a proposta e participando ativamente do trabalho de seus alunos, bem como a organização e dedicação dos próprios estudantes, que se torna possível realizar um curta-metragem.

São várias as dificuldades que se enfrenta ao aceitar o desafio de uma produção audiovisual, e se tratando do ambiente específico que estamos tratando, o colégio, este conflito acaba sendo ainda mais específico e diversificado. Os professores das escolas públicas enfrentam graves problemas estruturais crônicos, que vão desde as más condições de remuneração, levando-os a dar aula em mais de uma escola e em mais de um turno para integrar seu salário. Também se pode apontar o número excessivo de alunos por turma, a precariedade das estruturas materiais, os conflitos familiares dos alunos e também pessoais dos docentes. Desta forma, atuando com uma carga curricular elevada, precisando preparar aula de diferentes assuntos para mais de uma turma, em até



diferentes escolas, como se pode solicitar o envolvimento destes professores em um projeto de vídeo? Debateremos a respeito à diante.

Além destes conflitos que se encontram dentro da própria escola, enquanto estrutura, fazer um curta estudantil possui suas próprias dificuldades. O cinema pode ser enquadrado como arte e como meio de comunicação, possui linguagem específica e necessita de aparatos para ser realizada, a parte técnica que serve de suporte do material e o que cria a linguagem e narrativa. Então se esbarra novamente na problemática estrutural: para fazer um filme, precisa-se de uma câmera. Com a massificação da tecnologia, principalmente depois da década de 1990, tornou-se comum que alguém esteja disposto a emprestar seu celular, *tablet*, ou câmera digital para a gravação, equipamentos estes que podem desempenhar a função de captar imagem e som, se bem utilizados. Caso não haja essa possibilidade, a parceria com a universidade se torna crucial, pois ali se dispõe dos aparatos tecnológicos necessários para realizar tal projeto.

O roteiro é tido como a primeira etapa de qualquer audiovisual, um elemento de transição entre o momento de idealização da história e a sua concretização através da realização do audiovisual. O roteiro é um documento escrito que não se enquadra como literatura, não possuindo uma preocupação estética, mas necessitando de um formato específico que terá de ser interpretado por uma equipe. Este conceito é confuso para os estudantes que estão apegados ao padrão de escrita que tiveram até então. A partir disso todos os processos necessários para fazer um curta são possivelmente inéditos para o grande grupo, que vai estranhar a necessidade de pesquisar, testar os equipamentos com antecedência para dominar sua utilização, pensar cada um dos enquadramentos que o curta vai ter (necessitando para isso a realização de uma decupagem prévia), ensaiar com os atores buscando uma interpretação realista, e passar por um grande processo de pré-produção antes da gravação. Durante as oficinas de vídeo realizadas em Pelotas e Rio Grande foram raros os casos de alunos que conseguiram passar por todos os processos de maneira inteiramente autônoma, sendo o processo de pós-produção, a edição, um dos casos mais frequentes de dificuldades.

A edição é um momento diferenciado em vários sentidos dentro da realização audiovisual. Normalmente é executado por no máximo duas pessoas, o diretor e o montador. Diferente da gravação em que toda a equipe está envolvida, neste momento só essas duas pessoas tem o controle do que está acontecendo, assiste o material e escolhe o que irá utilizar, gerando a possibilidade de descontentamento do restante da equipe, que só vê o resultado final. O editor precisa ter conhecimento sobre o *software*



que irá utilizar, e ter um computador a disposição com o programa instalado onde todo o material bruto<sup>5</sup> pode ficar depositado também otimiza o processo, porém a disponibilidade destas ferramentas ainda é rara no ambiente escolar. Tanto em Pelotas quanto em Rio Grande foram poucos os vídeos editados exclusivamente por alunos, cabendo quase sempre aos bolsistas ou professores envolvidos atuarem nesta etapa. Este afastamento da função gera um ruído no entendimento dos alunos do processo como um todo. Por não acompanhar o processo, os estudantes podem ficar insatisfeitos com o resultado final sem, no entanto, compreender o porquê das decisões tomadas pelo montador. Na edição podem-se detectar as diversas falhas dos processos de gravação, o que auxiliaria os alunos em suas realizações audiovisuais futuras.

Façamos um breve olhar sobre um caso específico, que abrange uma dificuldade de vários projetos de vídeo em escolas municipais. A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Cristina Soares Dias Vermelho (2014) fez um levantamento das ações ocorridas em Curitiba, Paraná, entre 2000 e 2004 no projeto OFICINEMA, onde a Fundação Cultural de Curitiba (FCC) e a Prefeitura Municipal se articularam para um projeto com foco na 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série (equivalente ao 8<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup> ano). Seis curtas foram produzidos em 2000, sem infraestrutura de produção, nos anos seguintes passou-se a destinar recursos para a contratação de uma produtora que ficou responsável pela captação e edição do material. Vermelho (2014) aponta dados que identificam um alto grau de desistência dos alunos durante o projeto: em 2004 foram 235 alunos ingressantes, e apenas 24 concluíram o projeto. Pesquisadores que os acompanharam, da PUCPR, apontam algumas motivações para as desistências, como a não contemplação de alguns roteiros, a recusa dos alunos a assistirem aulas sobre cinema, falta de disponibilidade e horários, ou por motivos pessoais. Foi possível detectar que algumas escolas passaram a utilizar o projeto como meio de punição, quando o aluno fazia “bagunça”, ele era desligado do projeto. Ainda assim, afirma que não é possível ter um real indicativo das motivações dos alunos que deixaram o projeto, pois os questionamentos só foram realizados em 2004, apesar das desistências massivas terem sido presentes durante os quatro anos.

Até aqui se citou alguns exemplos das problemáticas que ocorrem durante a produção audiovisual nas escolas, em contrapartida a isto é perceptível que projetos de produção de vídeo estão se diversificando e ganhando espaço nas escolas brasileiras,

---

<sup>5</sup> Denomina-se “material bruto” todo conteúdo que foi captado e que ainda não passou por qualquer tipo de edição, ou compressão. Se trata tanto do vídeo quando do áudio.



fazendo-nos retomar a questão: por que os professores fariam (e fazem), projetos de vídeo, ademais todas as dificuldades?

Pereira e Janhke (2012) relatam que após o projeto piloto de Pelotas, em 2011, os estudantes foram questionados a respeito do que aprenderam enquanto realizavam seus curtas, e apesar dos mais diversos relatos é praticamente consenso que houve uma mudança do olhar que se passou a dar às mídias, uma nova maneira de interpretar o que se assiste na TV, uma desmistificação da imagem que antes era apenas assistida e agora se torna questionada. É sabido que no Brasil a televisão ainda é amplamente acessível aos alunos, e é utilizada como meio de informação e entretenimento. Se antes o conteúdo visto na tela era meramente aceito, após a oportunidade dos alunos se expressarem, serem instigados a pensarem em forma de imagem, passaram a ver o audiovisual com um olhar analítico, como uma construção. Assim, a realização de vídeos acaba sendo um método de fomentar também a análise crítica dos discentes.

Jorge Cesar B. Coelho e Pereira (2014) fazem uma análise do processo desenvolvido pelas turmas de 9º ano da E.M.E.F. Borges de Medeiros, em Campo Bom (Rio Grande do Sul). Ao longo de três anos, afirmam um melhoramento das médias das turmas que tiveram participação nos trabalhos interdisciplinares que envolviam de maneira prática a tecnologia, bem como uma redução de 45% dos casos de indisciplina. A ideia do projeto era envolver vários professores, construindo de maneira coletiva o conhecimento, onde cada um traz um pouco de sua área, assim o conteúdo curricular foi associado ao que já fazia parte do universo dos estudantes, como cinema, vídeo, música, etc. Os estudantes puderam incitar suas capacidades e habilidades, se envolver com uma atividade lúdica que ao mesmo tempo pode estimular o seu conhecimento, melhorando sua autoestima em relação ao meio e a si.

É crucial o trabalho em equipe na realização de qualquer vídeo, o grupo precisa estar unido, reunindo esforços para uma mesma direção, possibilitando o aprendizado uns com os outros e o estabelecendo da relação de confiança entre os colegas. Cada um do grupo possui funções pessoais e específicas, realiza uma função individual que contribui no trabalho do coletivo, se alguma área está com problemas, o trabalho inteiro será prejudicado. A professora do departamento de Pedagogia Aplicada da *Universitat Autònoma de Barcelona* (UAB), Noemi Santiveri Papiol (2014) percebeu que o trabalho em grupo produz resultados eficientes. Propondo trabalhar em grupos de quatro integrantes, a autora afirma que isto reduz o estresse do grupo, torna o trabalho mais complexo já que se procura por diferentes soluções e pontos de vista, fazendo com que



o resultado final seja uma construção coletiva, pertença a todos os estudantes, permitindo que todos se sintam integrados, mas construindo respeito em relação aos diferentes pontos de vista. Papiol (2014) ainda descreve que a equipe que realiza um trabalho nesta complexidade unida, tem total capacidade de desenvolver ainda outras atividades, em outras matérias, em grupo.

Pereira (2014) apresenta a relação entre produção de vídeo e neurociência. O cinema utiliza tipos diferentes de inteligência, existem áreas que estarão extremamente ligadas aos conhecimentos linguísticos e a necessidade de se expressar, como os diretores e os atores, outras áreas necessitam de conhecimento técnico que pode envolver espacialidade e matemático, como os responsáveis por mexer nos equipamentos, ou o produtor, que precisa organizar tudo que é necessário para a gravação, e ficar responsável pela parte financeira. Dessa forma, os alunos podem ser estimulados a se identificar com uma área em função de suas características, bem como se aventurar em outras áreas do conhecimento na prática. Gardner (1995) defende que cada pessoa possui performances de todos os tipos de inteligente em determinado grau, as quais podem ser estimuladas por fatores externos, como o valor cultural que se dá para determinado tipo de conhecimento (PEREIRA, 2014).

O objetivo das oficinas, muito além de colaborar na produção de curtas estudantis, é contribuir para que os alunos possam passar por estes aprendizados, se expressar, pensar e criar suas próprias histórias, as executando em equipe com respeito pelo próximo. Sabe-se que várias desistências ocorreram em função dos alunos não sentirem proximidade com o roteiro, dos professores quererem puxar determinado assunto e os alunos não mostrarem interesse, reduzindo sua participação no projeto. Por isso estimula-se que a escola permita que os alunos se apropriem deste processo de idealização do curta, que possam escrever os roteiros em cima de histórias que lhes agradem.

Ao pensar em um roteiro de um filme o aluno tem que levar em consideração para quem ele está fazendo o vídeo, ou seja, qual o público-alvo que este aluno deseja alcançar. Pela minha experiência de produzir vídeo em escolas, há mais de 15 anos, percebo que geralmente o seu público-alvo primordial são seus amigos, da mesma faixa etária, pois o exercício de sair do seu capital cultural e repensar os modos de ser de outro grupo cultural nem sempre é um exercício simples de fazer. Assim, ao ver o que o aluno escreveu, posso conhecer um pouco sobre o seu capital cultural e o seu modo de ver a vida: o que o choca, o que o faz refletir, o que ele deseja falar e como ele vai comunicar esta ação. (PEREIRA, 2014, p. 112)





Como se percebeu que as realizações durante os três anos de oficina invocam características em comum, apesar de serem por vezes bastante diferente entre si, foi feito um exame dos trabalhos. Após assistir aos 59 curtas realizados para o festival, se elencou a presença dos seguintes elementos genéricos: adaptação literária, amor romântico, *bullying*, concurso (competição), contexto escolar, elemento fantástico, homofobia, morte, personagem precisa mudar, racismo, relação familiar, representação de lugares de memória da cidade, violência urbana. Fazemos um breve comentário a respeito de cada um destes tópicos.

Acredita-se que alguns desses pontos podem ter ficado confusos em relação aos critérios de sua identificação, de forma que foram excluídos da pesquisa. Por exemplo, a escola aparece em 77,97% das produções, são raros os filmes que se passam totalmente fora do ambiente escolar, que não foram gravados em algum momento dentro da escola, inclusive havendo casos em que a escola foi adaptada para parecer um quarto ou uma cozinha. No entanto, poucos dos roteiros utilizaram a escola enquanto ferramenta da narrativa, transformando-a num ambiente imprescindível, que não poderia ter sido substituído por uma praça, ou uma casa, por exemplo. A presença do ambiente escolar está atrelada a outros fatores externos, como dificuldade de transporte para outros espaços, ou mesmo a segurança de se reunirem fora dali, impossibilitando a definição de quantos destes grupos optaram por gravar na escola. Assim optou-se por deixar o tópico “contexto escolar” de lado.

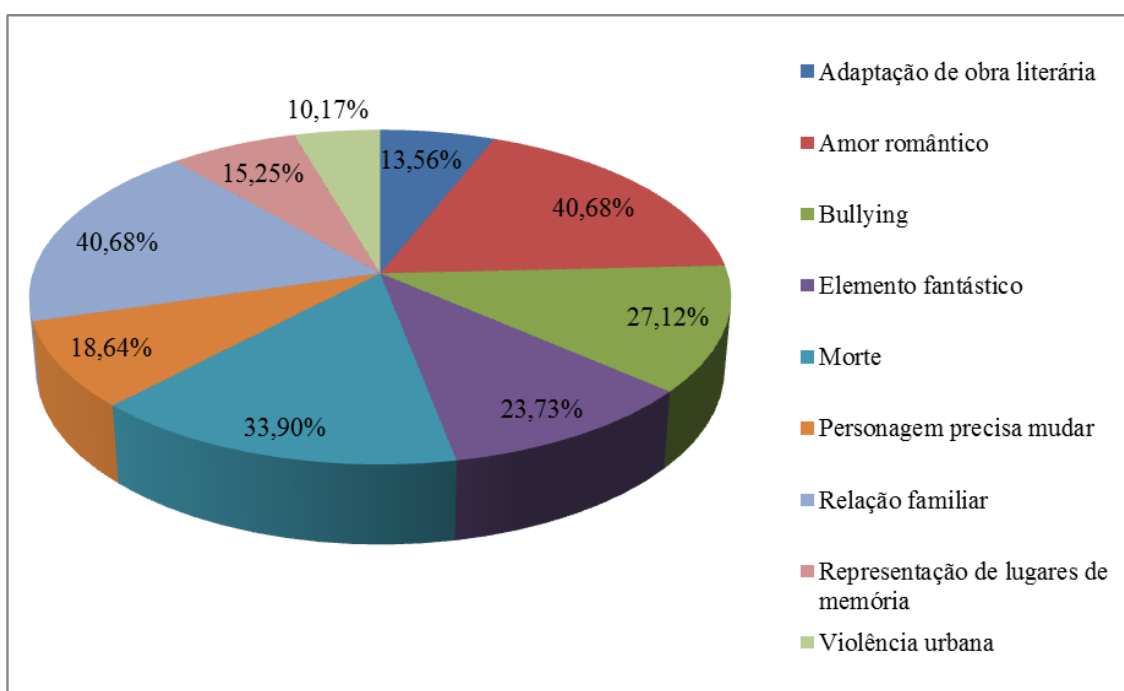
Situação semelhante se dá com a questão das “competições”, da presença de rivalidade: inicialmente havia-se ponderado as competições “oficiais”, como concursos de moda, festivais e campeonatos, mas há maior presença da relação de grupos rivais, de alunos que não se dão bem e competem entre si, fazendo com que este tópico se tornasse subjetivo, inviável de se interpretar numa pesquisa científica. Assim, decidiu-se incorporar a rivalidade que resulta em agressão, ou danos ao outro, como pertencente ao tópico “*bullying*”, tema presente em 16 obras (27,12% dos curtas). As discussões sobre *bullying* são de grande interesse por parte da escola, pois toca em outras questões como a ética, a moral, e o comportamento social, de forma que se torna um assunto instigado por parte dos docentes, e de vínculo com a realidade dos estudantes.

O racismo foi tema em dois filmes, “O Artista” (E.M.E.F. Ferreira Viana) e “O Escritor Misterioso” (E.M.E.F. Jacob Brod), ambos de 2012, não tendo sido mais tocado pelas obras do mesmo ano ou posteriores, o mesmo ocorre com “Kauã”

(E.M.E.F. Independência, 2012), única obra até então a participar do Festival de Vídeo com a temática da homofobia, tendo o diferencial de ser realizado por alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Ambos os temas devem ser lembrados por sua importância social, porém são exceções em termos de abordagem, tocando o tópico de *bullying* de uma maneira inusitada.

Cabe ressaltar ainda que os curtas raramente possuíam apenas um desses pontos elencados, de forma que o gráfico a seguir irá representar a relevância numérica de cada uma das temáticas nos 59 curtas-metragens analisados:

Figura 1 – Gráfico que aponta a relação de relevância das temáticas nos curtas.



Percebemos que o amor romântico (40,68%) e as relações familiares (40,68%) são os assuntos mais frequentes dentro do universo estudantil. Isso é tido como um reflexo direto da representação que as crianças e os jovens possuem do mundo, onde a figura da família é extremamente presente em seu cotidiano, e as primeiras descobertas amorosas começam a surgir. Também podemos apontar que esses assuntos são comuns nas novelas e em filmes que passam na televisão, narrativas de fácil acesso pelos alunos. A abordagem e a representação das figuras familiares também é muito semelhante, associada normalmente ao sentimento de carinho, e ao de proteção. Em alguns casos os elementos familiares demonstram rigidez, como no riograndino “Pedro e Marina” (E.M.E.F João de Oliveira Martins, 2014), onde o pai de Pedro repreende de maneira ofensiva seu filho em função de suas más notas, porém quando sua atitude é



confrontada pela colega Marina, o pai reconhece a contra-gosto que a ajuda dela nos estudos pode trazer resultados melhores do que a sua severidade. Em outros casos os pais são a figura de segurança, quando o protagonista comete algum erro, ou precisa de apoio e conforto, a família se mostrou a solução mais recorrente.

As adaptações literárias estão presentes em 13,56% dos curtas-metragens realizados, sendo o Colégio Pelotense um grande participante do gênero, com quatro adaptações das obras de Machado de Assis. Além desta escola, o E.M.E.F. Antônio Ronna utilizou obras literárias ligadas a filosofia, e a E.M.E.F. Bruno Chaves fez duas releituras cinematográficas a partir das obras de João Simões Lopes Neto. O que podemos apontar aqui é a associação do projeto de vídeo com o currículo, principalmente referente as matérias de literatura e filosofia, onde os alunos são instigados a conhecer a obra literária para poder transformá-la em um curta-metragem.

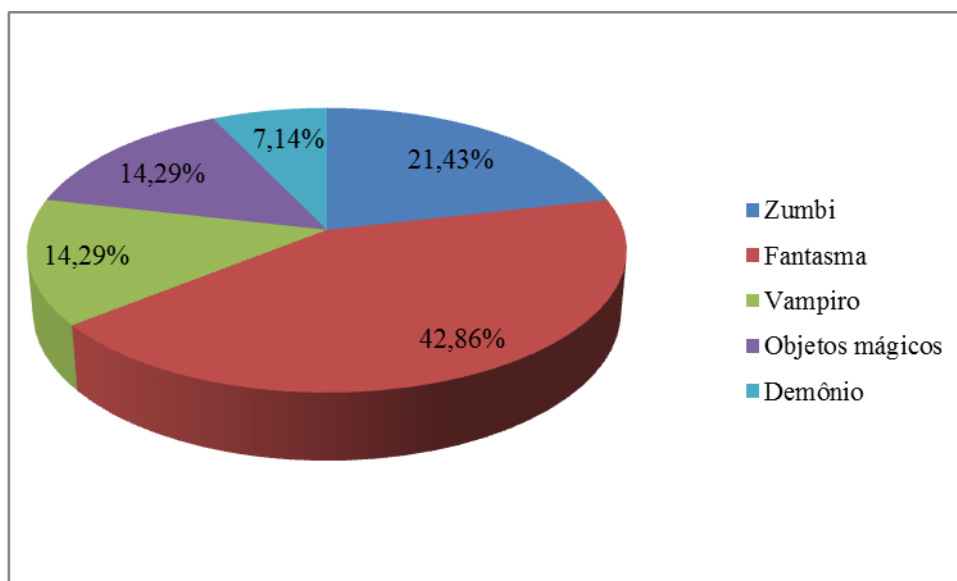
O tópico “personagem precisa mudar”, representado por 11 curtas (18,64%) não é temática relevante em termos de quantidade, mas sim em termos de abordagem. Percebeu-se que este tema é colocado de uma maneira muito semelhante em todos os curtas em questão: o personagem tem um conflito, que pode ser impopularidade (não aceitação por um grupo), amor não correspondido, ou um comportamento negativo. Então esse personagem muda durante o curta, via de regra com a colaboração de um terceiro elemento, que pode ser amigo, colega, professor, etc.

Também elencou-se a presença da representação de lugares de memória da cidade. Em muitos curtas é mostrado locais conhecidos da cidade, principalmente em função de sua carga histórica e identitária. Reconhece-se que em diversos casos partiu dos professores a proposta de gravar cenas em locações que pertencessem ao cenário turístico da cidade, porém a relação dos alunos com seu meio é bastante abrangente e por vezes partiu deles o desejo de retratar locais conhecidos de onde moram, e incorporar a história os locais que criam a identificação de seu espaço. Percebeu-se a presença desta característica narrativa em 9 curtas (15,95%).

A presença de elementos fantásticos nos curtas é um dos assuntos que despertam interesse tanto em termos de temática quanto de abordagem. Na maioria dos casos o tema fantástico está associado ao horror, terror, e suspense, porém tem-se como exceção exemplos de comédia e romance, como no filme “Escola Fantasma” (E.M.E.F. Antônio Ronna, 2013), onde um fantasma que vai assombrar uma escola se apaixona por uma das estudantes do lugar. No entanto percebeu-se como insuficiente o termo

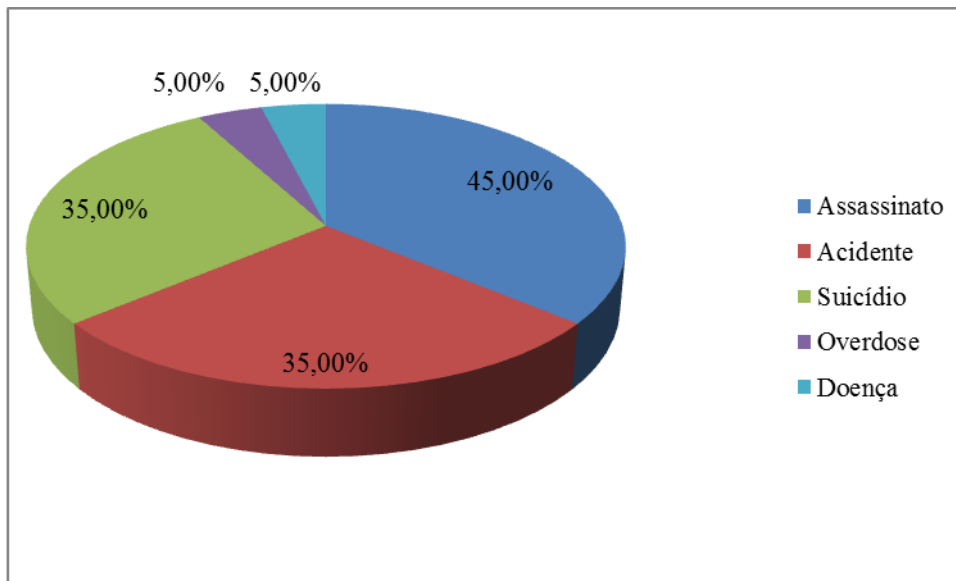
“fantástico”, sendo importante criar subdivisões para a categoria, as quais podem ser avaliar no gráfico a seguir.

Figura 2 – Gráfico que diferencia os tipos de elementos fantásticos dos curtas analisados.



Dessa forma, verifica-se que os fantasmas (e também os espíritos) compõe 42,86% dos casos dos curtas analisados onde existe algum tipo de elemento fantástico, fazendo contraste em relação aos outros elementos, como zumbis (21,43%), vampiros (14,29%), objetos mágicos (como um anel dos desejos ou um livro encantado, 14,29%) e o demônio (7,14%, presente em apenas um curta). Levanta-se a hipótese de que isto pode vir a ser uma influência religiosa, e também causada pelo contato com filmes e telenovelas da TV aberta que incorporem esta temática. Em 71,43% dos curtas que incorporaram algum elemento fantástico há cena de morte.

Temática frequentemente banalizada pelo cinema e pela mídia, a morte faz parte das discussões e do cotidiano dos jovens, presente em 20 curtas (33,90%). Dá-se a este elemento os mais diferentes tipos de abordagens, desde a associação com o elemento fantástico, atribuindo-lhe um caráter de interpretação mais lúdica e fantasiosa, até morte natural, num acidente, ou mesmo a morte por assassinato violento (associando-se ao tópico de violência urbana) ou suicídio. O gráfico a seguir faz uma leitura dos tipos de morte que são retratadas pelos alunos em seus curtas:



Cabe citar aqui que apenas “O Preço da Droga” (E.M.E.F. Ferreira Viana, 2012) mostrou uma morte dada por overdose, porém o roteiro foi adaptado de última hora em função de os alunos não terem levado na data da gravação uma arma de brinquedo como estava previsto, pela história original o traficante mataria a protagonista que não tinha dinheiro para comprar cocaína. Este também é o único curta-metragem onde a morte ficou diretamente associada à violência urbana, e as drogas.

Isto nos levou a um achado da pesquisa, em que foi percebido que a escola Ferreira Viana, situada na região da Balsa em Pelotas, uma região constantemente noticiada em função de atos de violência. Percebe-se que seis, de oito curtas-metragens produzidos pela escola, possuem alguma relação com a violência urbana e a morte, possuindo por vezes cenas explícitas de assassinato, ou propondo-se a discutir temáticas densas. Como exemplo podemos citar o caso do curta-metragem “Caiu na rede? Faça a coisa certa!” (2014), onde o “ficante” da protagonista Sandy a expõe, postando fotos dela sem blusa na internet, sendo menor de idade Sandy vai com a mãe na Delegacia Especializada da Criança e do Adolescente. Sabe-se que a orientadora do projeto teve de trabalhar o assunto da pornografia de vingança (em inglês, *revenge porn*) durante outros momentos. Esses casos de violência são cotidianos para estes jovens, de forma que é sobre isso que eles terão necessidade de expressar, e quando a escola se abre para discutir esta realidade, isto cria a possibilidade do estudante pensar sobre sua experiência, seu modo de vida, sua cultura, possibilitando criar novas perspectivas a respeito de seu próprio universo. Como estamos tratando de vídeo, a mensagem pode estender-se para outras escolas durante o processo de exibição.



Este artigo pode trazer uma nova perspectiva a respeito do que havia sido criado pelos alunos até então durante as oficinas de produção de vídeo entre 2012 e 2014, tanto em termos de temáticas quanto em termos de abordagem.

Conclui-se que a realização dos estudantes, seja no audiovisual como em outras áreas do conhecimento, reflete de maneira direta o seu nicho, suas vivências e experiências, portanto para se aproximar da realidade do jovem, é preciso permitir que ele possa se expressar. Levantaram-se grandes dúvidas durante esta pesquisa, apesar das várias hipóteses utilizadas para compreender a motivação dos estudantes. No entanto, um estudo mais prolongado, feito a partir de entrevistas com os estudantes e dos professores envolvidos, poderia trazer mais informações a respeito dessas escolhas, o que pode vir a ser feito em um estudo a diante.

## REFERÊNCIAS

COELHO, J. C. B.; PEREIRA, J. Aprendizado colaborativo interdisciplinar através da produção audiovisual: uma realidade pedagógica em estudo. In: PEREIRA, J. (org.). **Produção de Vídeo nas Escolas: Uma visão Brasil – Itália – Espanha – Equador**. Pelotas, RS: ErdFilmes Editora, 2014. Cap.7, p.121-135.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Ed. 1, Porto Alegre, RS, Artmed Editora, 1995.

GUTIÉRREZ, F. **Relações que a TV e a escola propiciam aos educandos. Entrevista concedida pelo Prof. Dr. Francisco Gutiérrez em outubro de 1995**. In: PORTO, T. M. E. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v.23, n.1/2, p.314-321, jan./dez. 1997. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59603/62702>> Acesso em: 27 abr. 2015.

PAPIOL, N. S. Producción de um videoclip em ciências de la Educación. In: PEREIRA, J. (org.). **Produção de Vídeo nas Escolas: Uma visão Brasil – Itália – Espanha – Equador**. Pelotas, RS: ErdFilmes Editora, 2014. Cap.1, p.11-18.

PEREIRA, J.; JANHKE, G. **Produção de vídeo nas escolas: educar com prazer**. Pelotas: ErdFilmes Editora, 2012.

PEREIRA, J. **A produção de vídeo estudantil na prática docente: uma forma de ensinar**. 2014. p. 109-122. Tese de doutorado em Educação – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

VERMELHO, S. C. S. D. Cinema na Educação: novos desafios para velhos problemas. In: PEREIRA, J. (org.). **Produção de Vídeo nas Escolas: Uma visão Brasil – Itália – Espanha – Equador**. Pelotas, RS: ErdFilmes Editora, 2014. Cap.2, p.19-37.